



Dei Verbum



Realização: Associação Filhos de Jesus e Maria, Comunidade de Aliança e Vida (Distribuição gratuita) Edição: Janeiro / Fevereiro 2007

CARNAVAL

O Carnaval é de era remota e origem pagã. Teve início no séc. VI antes de Cristo. Eles se mascaravam dançando enfileirados ao som de músicas prestando culto ao deus Dionísio com sua fantasias e alegorias. Era costume entre os gregos, festividades pela entrada do novo ano civil (mês de janeiro) ou pela aproximação da primavera e a conseqüente despedida do inverno. Elementos da religiosidade pagã e da mitologia costumavam inspirar essas celebrações; em geral os povos não cristãos tencionavam, com seus ritos exuberantes, expiar as faltas cometidas no inverno ou no ano anterior e pedir aos seres superiores a fecundidade da terra e a prosperidade para a primavera e o ano novo. Também acreditavam que estas atividades. Conforme o costume vigente com estas solenidades conseguiam a expiação e o cancelamento das culpas passadas. Em algumas regiões procedia a confissão pública dos vícios. Era feito de forma teatral por um palhaço cômico Arlequim que, antes de ser entregue à morte confessava os seus pecados e os alheios. Apesar destas intenções sérias que inspiravam inicialmente tais manifestações públicas, compreende-se que elas tenham mais e mais dado lugar a licenciosidade e a deploráveis abusos fomentados pelo uso de máscaras, trajes alegóricos, pela exibição de préstitos, pelas de teatro etc.

Em tese, as danças e o tripudiar característico dessas festas deviam servir de exortação ao povo para que cheio de alegria iniciasse a nova estação do ano. As religiões ditas de “mistérios” provenientes do Oriente e muito diminuídas no Império Romano, concorreram não pouco pelo fato de seguirem rituais exuberantes para o incremento das festividades carnavalescas. Estas em conseqüências tomariam o nome de “pompas bacanais” ou “saturnais” ou “imperiais”. As demonstrações de alegria, porém, tornando-se subversivas da ordem pública. O Senado Romano, no séc II antes de Cristo resolveu combater os bacanais; os adeptos deste passaram a ser acusados de graves ofensas contra a moralidade e contra o Estado. As datas variavam por ser celebrações populares. Podia ser dia 25 de dezembro (dia em que os pagãos celebravam Mitra ou o Sol Invicto) ou dia 1º de janeiro (começo do ano novo), ou 6 de 17 de janeiro ou 2 de fevereiro (datas religiosas pagãs). Quando o cristianismo se difundiu, já entrou tais orgias no uso dos povos.

Por princípio, o Evangelho não é contrário as demonstrações de júbilo, contanto que não degenerem em celebrações libertinas e pecaminosas. Por isso os missionários não se opuseram formalmente à realização do Carnaval, mas procuravam dar-lhe caráter novo, depurando-o de práticas que tinham sabor nitidamente supersticioso ou mitológico e enquadrando-o dentro da ideologia cristã; assim como motivo de alegria pública, os pastores de almas indicavam por vezes algum mistério de alguma solenidade do cristianismo (o Natal, por exemplo, ou a Epifania do Senhor ou a Purificação de Maria, festa da Candelária, em vez de ritos pagãos celebrados a 25 de dezembro, 6 de janeiro ou 2 de fevereiro). Por fim as autoridades eclesiásticas conseguiram restringir a celebração oficial do carnaval aos três dias que precedem a quarta-feira de Cinzas.

Comumente os autores explicam este carnaval a partir dos termos do latim tardio “Canevale”, isto é, “adeus carne” ou “despedida da carne”; esta derivação indicaria que no carnaval o consumo de carne era considerado lícito pela última vez antes dos dias de jejum quaresmal. Termo este usado até nossos dias para estas celebrações pagãs.

Podemos fazer aqui uma pausa para refletirmos:

Pode surgir algo sagrado do profano?

Pode o puro comungar com o impuro?

Acabamos de tomar conhecimento que este é um ritual pagão com celebrações profanas que moveu as autoridades da época a se levantarem contra as imoralidades e as alegrias subversivas que colocaram em risco a ordem pública. O carnaval continuou com todas as suas festividades imorais e subversivas. É só pararmos prestarmos atenção na euforia que envolve a todos para a preparação destes festejos e a dimensão que tornou atingindo toda humanidade.

O nosso Brasil atingiu o mais alto patamar em termos de vivência deste paganismo festivo, o que tem atingido a todos contagiando o mundo. Infelizmente nosso Brasil é mundialmente conhecido através do carnaval. Pode o país que tem o maior índice de católicos estar com este índice tão alto sendo esta uma festa pagã? Impressionante como esta anarquia está tomando conta de todos.

Nas alegorias, foliões, festas de salões em tudo gira a depravação. Começa pelos trajes se é que podemos em muitos encontrar algum traje, pois se destacaram por estarem fantasiados colocando o nu em evidência. Temos, porém que deixar vem claro que para

os **Escravos das Paixões**, sim, tudo é permitido. Assim rola tudo; sexo, de todas as formas, adultério e para estimular o sexo vem a bebida alcoólica, a droga, bem como a descarga das frustrações, das decepções e dos fracassos da vida pessoal, familiar e profissional.

Existe uma mentalidade libertina de que no carnaval “tudo é permitido”, porém estes são conceitos de uma mentalidade libertina iniciada por uma filosofia modernista cujos princípios e valores vêm desta doutrina pagã. E contraria a verdade e ao próprio Cristo.

Já no tempo de São Paulo Apóstolo os libertinos e permissivistas defendiam a idéia que “tudo me é permitido” onde na cidade e regiões de Corinto, na Grécia, ele se levanta e exorta severamente a todos: “**tudo me é permitido, mas nem tudo convém**”. Temos, porém que entender que não é São Paulo quem defende a tese que “tudo é permitido”. Essa tese é dos relaxados, dos que vivem as libertinagens, dos escravos das paixões e vícios. São Paulo apresenta a verdade: “**Mas nem tudo convém**”.

O que convém? O que é permitido? Como se deve viver e o que fazer? “Já não se trata de saber o que é permitido ou proibido, mas de determinar o que favorece ou prejudica o crescimento do homem novo – da mulher nova – regenerados em Jesus Cristo”.

Convém – é conveniente para nós – que vivamos uma vida Cristã movida pelas virtudes, e jamais uma vida pagã movida pelos vícios e pecados de toda sorte.

Em relação a permissividade sexual louca do carnaval no capítulo 12, São Paulo indica o que não é permitido. Porque não convém a dignidade do ser humano Cristão. “**Não vos enganeis: nem os impuros, nem os idólatras, nem os adúlteros nem os afeminados (os homossexuais), nem os difamadores, não e possuir o Reino de Deus**”. Portanto todos os que cometem esses vícios, se não se converterem e se não mudarem de vida, condenar-se-ão a si mesmos para o castigo eterno, por causa de sua opção pela libertinagem no seu modo de viver.

Ainda em relação à permissividade sexual insana do carnaval, a Palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo a São Paulo vem argumentar fortemente em favor da santidade do ser humano, de seu corpo e de sua sexualidade. “**O corpo não foi feito para a impureza, mas para o Senhor, e o Senhor para o corpo. Deus que ressuscitou, o Senhor nos ressuscitara a nós pelo seu poder. Não sabeis que vossos corpos são membros de Cristo? Tomareis então os**

membros de Cristo e os fareis membros de uma prostituta? De modo algum! Fugi da fornicação. Qualquer outro pecado que a pessoa comete é fora do corpo; mas o impuro peca contra seu próprio corpo. Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, o qual habita em vós? Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo”.

Todas estas advertências da palavra de deus, exortando contra os pecados de sexo e chamando para a santidade do corpo e da sexualidade, são advertências amorosas de Deus que, por imenso amor deseja manter os seus filhos distantes de todos os males causados pela libertinagem sexual e quer vê-los louvados, sadios, belos e santos.

Todos conhecemos as conseqüências desastrosas da libertinagem sexual vivida desenfreadamente no carnaval. Os adultérios masculinos e femininos e, por causa deles, as brigas, as violências, as separações de casais, e até homicídios com todas as temíveis conseqüências para o casal, para os filhos e suas famílias.

As fornicações, isto é, as relações sexuais entre solteiros, realizadas entre adolescentes, entre jovens, entre adultos e jovens, causando tantos problemas e sofrimentos; dentre eles a gravidez com todas as suas conseqüências para as grávidas e suas famílias, e o que é pior, muitas seguidas de assassinatos dos bebês, pelo aborto.

Os homicídios, as violências sexuais e as ameaças de morte causadas pelas disputas, competições e traições de parceiros sexuais são freqüentes nos grandes carnavais. As conseqüências são sempre muito graves!

As relações homossexuais e lésbicas praticadas no carnaval além de afundarem cada vez mais os que já são viciados nestas torpezas, introduzem e viciam a muitos outros, que no carnaval começam a realiza-las pelas oportunidades fáceis que se apresentam, e até pelos convites, apelos e ofertas que recebem.

As doenças sexuais transmissíveis, principalmente a Aids, encontram um terreno fértil nas fáceis e promíscuas relações sexuais desenfreadas do carnaval. Nem é preciso dizer o quanto isso é destrutivo e doloroso.

Você pode questionar dizendo que hoje é muito fácil encontrar momentos propícios para se viver na libertinagem, porém neste tempo de carnaval tudo fica muito mais propício àqueles que não se corromperam com certeza em meio a tudo isso.

OS RITMOS COMO FONTE DE PROFANAÇÃO NAS FESTAS PAGÃS

Quanto a música, os ritmos desenfreados e alucinantes que são tocados nestas festividades com uma única intenção, de tornar tudo muito propício para esses fins.

Precisamos saber que a música tem o poder de causar profundos efeitos na alma humana. A música, portanto, é criadora de estados da alma os quais fazem nascer idéias correlatas em nossas mentes. Quem permite que uma música crie em sua alma um estado de melancolia e tristeza naturalmente terá tendências à tristeza e à melancolia, por isso mesmo idéias melancólicas, tristes e pessimistas. Fica então patente que uma

canção por si só, sem levar em conta a sua letra, cria estado de ânimo e suscita idéias. Tinham, pois, muita razão os filósofos gregos ao darem à música um importante papel na educação e formação dos jovens.

Aristóteles prevenia que: **“pelo ritmo e pela melodia nasce uma grande variedade de sentimentos”** e que **“a música pode ajudar na formação do caráter”** e que **“se pode distinguir os gêneros musicais por sua repercussão sobre o caráter”**. Tal gênero leva à melancolia, outro leva ao desânimo ou domínio de si mesmo, ou entusiasmo ou alguma outra disposição já mencionada.

Platão é ainda mais claro, ele adverte que a música forma ou deforma os caracteres de modo tanto mais profundo e perigoso quanto mais advertido.

A maior parte das pessoas não percebe que a música tem poder de mudar o coração dos homens, e que assim pouco a pouco, molda sua mentalidade. Mudando as mentalidades, a música termina por transformar os costumes, o que determina a mudança das leis e das próprias instituições, por isso dizia Platão que é possível conquistar ou revolucionar uma cidade pela mudança de sua música.

Para Platão, a educação musical é a mais poderosa porque permite introduzir na alma da criança, desde a mais tenra infância, o amor, a beleza e a virtude!

Platão insiste no poder insinuante da música, do agir sem ser percebida, a ponto de conseguir destruir ou revolucionar uma sociedade, pois é aí que a ilegalidade se insinua mais facilmente, sem ser percebida... sob forma de recreação, à primeira vista **“inofensiva”**.

Podemos ver então o que aconteceu com os costumes de nossa sociedade.

Portanto, a música pode ter um salutar efeito formador ou pode ser destruidora.

Evidentemente como é mais fácil destruir que construir, os efeitos da **“música daninha”** são mais rápidos e eficazes que os da boa música. A corrupção estética e moral, embora de grau por grau, vai mais rapidamente até os píncaros do heroísmo e da santidade.

Devemos salientar a deformação e corrupção da música, o papel do liberalismo que considera tudo pelo lado positivo e por isso julga que nada deve ser proibido. O liberalismo é a tolerância institucionalizada na própria sociedade. Ele é o sistema da tolerância e por isso muitos pais liberais permitem que os filhos tudo ouçam sem a menor restrição. **“Ora à força de tudo ouvir, acaba-se por tudo aceitar, à força de tudo aceitar, acaba-se por tudo aprovar.”** (Santo Agostinho).

A aceitação do mal a convivência com ele leva o liberalismo, no fim a aprovar todo vício, todo crime, todo absurdo, toda monstruosidade. Foi assim que a arte moderna ajudou a deformar o século XX. E assim vários ritmos de música dominaram a juventude mundial de nossos dias.

Entre estes o **rock**, o **samba**, o **funk**, o **break** ou **hip hop**.

Samba: Na década de 60 foi marcado pela coexistência do **“samba”** configurado pelo **samba-jazz**. Surge o mulato Jorge Bem com um samba meio misturado denominado por

ele como **samba com maracatu**... Na verdade era um **samba misturado com rock**. Veja o depoimento para a definição de **samba rock**: **“é um balaio que envolve muita coisa e não sabemos ao certo se chamamos de dança, de música – o samba-rock sai dançando!”**

Hip-Hop: Canto falado. Tinha como temas a violência nas favelas. A situação política. O tema sobre sexo e drogas. É cantado nos bailes da periferia. Surgiram os **rappers** que construíam discursos indignados raivosos cheios de referências a conflitos sociais e raciais. Eram compostos por uma base musical dançante acompanhado de rimas faladas que seguiam o ritmo. É um movimento social que foi criado com o objetivo de apaziguar as brigas dos jovens negros e hispânicos agrupados em gangues. Era a dança mais popular da época, **também chamada Break**.

Funk Soul: Retrata a década de 70, o som de **James Brown** deu origem a uma dança com estilo de deslizar os pés no chão com muita ginga e agilidade.

Rock: Começou com músicas e letras sentimentais, logo, chegou ao frenesi. Podemos ver em todas as colocações influências maléficas nestes ritmos que exemplificamos. Também vemos que estão interligados em suas melodias ou em seus ritmos, sendo de maior influência o **rock**.

Temos conhecimento deste estilo de música ter causado grande influências na sociedade e, na humanidade, podemos dizer que foram grandes revoluções destrutivas reconhecida pelos próprios líderes que confessam:

Mick Jagger, líder dos Rolling Stones declarou: **“nós trabalhamos sempre para dirigir o pensamento e a vontade das pessoas, e a maior parte dos outros grupos faz outro tanto”**.

Os Beatles, disseram: **“nossa música é capaz de causar uma instabilidade emocional, um comportamento patológico, até mesmo revolta e revolução”**.

Jimmy Hendrix, famoso roqueiro que morreu por efeito das drogas, asseverou que a música rock tem um efeito ainda mais profundo: **“é possível hipnotizar as pessoas através das músicas; e, quando se atinge as pessoas no ponto mais fraco podemos pregar ao seu subconsciente tudo o que queremos dizer”**.

Braham Nash confirma: **“a música pop é um meio de comunicação que condiciona o pensamento das pessoas que a ouvem. Eu creio também que os músicos por meio destas músicas gozam de uma vantagem fantástica. Nós podemos dirigir o mundo... temos à nossa disposição o poder necessário”**.

Além de comunicar idéias, a música, ao criar estados de espíritos nos ouvintes, inclina-os a agir de certo modo. Por isso, nas músicas que, dando ânimo, incitam às pessoas que ouvem lutar contra as más tendências existentes em todo homem, outras há, porém, que criam estado de espírito tendentes ao vício. Que haja sons e músicas sensuais é tão real quanto que existam sons e músicas que suscitam a alegria ou o terror. Por isso também a música pode levar a vícios e pecados ou então encaminhar para a virtude.

Educados pelo liberalismo e pelo

romantismo a só buscarem o agradável, os homens do século XX passaram do agradável puramente sentimental, ao agradável, sensual, para enfim mergulharem aberta e confessadamente no sexualismo, e, deste na frustração, no tédio, no mistério, no horror e no satanismo!

Também o rock seguiu esse caminho do sentimentalismo ao sexualismo até ao satanismo. Com efeito, as primeiras canções em ritmo de rock eram sentimentais. Depois chegaram à adoração do diabo.

Que o rock além de infundir idéias excita ao pecado é fato reconhecido do modo mais aberto e escandaloso por seus líderes mais cotados. Declara o empresário do *Rolling Stones* com cinismo: “a música pop é sexo; aos adolescente é preciso encher-lhes a cara com sexo”.

E ALICE COOPER: “meu público quer ser tratado por mim como um criminoso sexual trata sua vítima... a relação entre eu e meus ouvintes é altamente sexual. Dominar um público desta maneira é uma experiência poderosa e satisfatória”.

De fato o que se vê nos festivais e concertos de rock são espetáculos orgiásticos, com atos sexuais e libidinosos, nudismo, frenesi, taras, tudo explícito e cinicamente praticado em público. Suas letras são cinicamente pornográficas; com palavras brutais, imagens obscenas, incitamento ao pecado. As canções do conjunto *Guns n'Roses* e as de *Jimmy Hendrix* estão cheias de sordice.

Não só se excita ao sexo, mas se prega descaradamente o uso de tóxicos. Grande número dos artistas de rock é viciado em drogas e bom número deles morrem por seus efeitos. E nenhuma campanha anti-tóxico acusa esses cantores de propagadores do vício e de fornecedores de vítimas para o tráfico de entorpecentes.

Veja o exemplo da canção “*Mr. Brownstone*” do *Guns n'Roses*: é o codinome da droga heroína no jargão roqueiro.

Notou-se que essa música podia ter efeitos físicos espantosos: alteração na pulsação e na respiração, aumento de secreção das glândulas endócrinas, em particular da glândula pituitária que regula os processos vitais no organismo. Quando a melodia sobe, a laringe se contrai, quando ela desce, ela se relaxa. O metabolismo de base e a taxa de açúcar no sangue se modificam no decorrer de uma audição. O ritmo predominante no rock e na pop music inicialmente condiciona o corpo, depois estimula certas funções hormonais do sistema endócrino.

Dr. Bob Larson: “O rock tem um efeito semelhante ao provocado pelas drogas”.

O Dr. Kueste confirma o que dissera o Dr. Larson e ainda com mais ênfase: “O rock é uma droga pior que a heroína”.

Outros efeitos notados é que essas músicas tem o poder de ficar no cérebro e de virem constantemente para a memória com suas letras onde muitos são levados a dançar instantaneamente dando a essa reação sinônimo de alegria.

Mensagens ocultas explícitas no rock. Qualquer fã do rock conhece essa questão quase todos já fizeram esta experiência de tocar um disco de mensagens ocultas. Não se

deve dar maior importância a essas mensagens ocultas porque hoje as letras de rock dizem coisas muito piores de modo explícito, direto e descarado.

Inicialmente o rock apresentou-se como militantemente ateu. “*Nós parecemos ser anti-religiosos, provavelmente nenhum de nós cremos em Deus*”. (Paul McCartney)

É curioso, nessas canções, que nelas acha-se uma concepção do inferno e do demônio inversa e paralela a da Igreja Católica. Cultua-se o demônio atribuindo-lhe em sentido positivo, tudo o que a Igreja Católica dele diz em sentido negativo. Em outras palavras o rock adora e exalta o que o catolicismo abomina e condena e abomina o que a igreja exalta e adora. Por isso, o rock manifesta ódio especial contra o catolicismo. A famosa *Nina Hagen* declarou: “os caminhos são infinitos. O único que não é válido é a religião católica”.

O rock é um gênero intrinsecamente mau. Não é possível aceita-lo. É preciso conscientizar a todos desse perigo. Passamos também a observar outros ritmos e letras e analisarmos à luz do Espírito Santo suas reações e suas mensagens.

Vejam o que nos diz o Santo Padre o Papa João Paulo II: “*a arte pode transmitir uma concepção do homem, do amor, da felicidade que não corresponde com a verdade do desígnio de Deus. É necessário, portanto, realizar um sadio discernimento. Não creiais em ilusões e modas efêmeras que, não poucas vezes, deixam um trágico vazio espiritual. A vós, queridos jovens, toca também renovar a linguagem da arte e da cultura. Comprometevi-vos, portanto, por cultivar em vós a firmeza para não aceitar comportamentos e distrações que estejam caracterizados pelos excessos e o ruído.*”

O Papa Bento XVI: “*O rock é uma expressão básica das paixões que, em grandes platéias, pode assumir características de culto ou até de adoração contrários ao Cristianismo*”.

É de se espantar a posição da Igreja, no Brasil em querer infiltrar na Igreja esses ritmos. “*O puro não comunga com o impuro*”. Da mesma forma o Carnaval com Cristo é uma grande profanação, pois faz uso de todos os ritmos colocando letras sagradas fazendo uso do nome de Deus em vão. Como disse, é preciso refletir, ou seja, ver a origem e entendermos como bons Cristãos que, quem atrai o homem para Deus é Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele não precisa fazer uso de coisas profanas para concretizar sua obra.

Em reparação a esta festa pagã, herege e profana a Igreja instituiu a adoração das Quarenta Horas e o retiros espirituais anteriores a quarta-feira de Cinzas.

Precisamos estar em comunhão com o Santo Padre o Papa buscando a vivência correta instituída pela Igreja. O coração de Deus sofre muito mais com a constância dos Cristão na desobediência à Santa Igreja e no erro com estas aberrações em nome de Cristo do que com estas festas profanas passadas por Cristãs. Precisamos através das vigílias e retiros buscar aceitar que o profano e o sagrado nunca estarão juntos banindo de nossas concepções estas práticas para glorificarmos realmente o coração de Deus. Assim seja.

MÚSICA SACRA E PROFANA:

“*A música utilizada na Igreja em todos os momentos: na Santa missa, Grupos de Oração, terços, retiros ..., deve conduzir as pessoas que a escutam à uma vida verdadeiramente cristã*”.

> **MÚSICA SACRA** = É aquela que engrandece o coração de Deus. É inspirada por Deus no ritmo, melodia e harmonia. Faz bem a alma, não gera melancolia, sentimentalismo, tristeza.

Objetivo = Glorificar à Deus. “*Não se trata de uma canção novidade como as que aparecem na rádio. E sim é aquela que brota de um espírito renovado.*”

> *Colossenses 3,16*: “*Sob a inspiração da graça cantai a Deus de todo coração salmos, hinos e cânticos espirituais*”.

A música é um caminho para que o nosso coração se achegue ao coração de Deus.

> **MÚSICA PROFANA** = É o canto que não tem nenhum sentido religioso, e por isto não pode ser usado na Igreja.

Objetivo = glória dos que tocam ou cantam, satisfaz os desejos dos corações dos homens.

Jamais Deus permitirá que músicas profanas estejam dentro de sua Igreja.

Porém nos dias de hoje há uma mistura muito grande de ritmos e letras.

Um exemplo muito comum disto é colocar letra religiosa em músicas da “**parada**” = **plágio**. Sempre que uma música plagiada for cantada logicamente se lembrará da música original.

O que Deus espera dos que exercem o ministério de música dentro da Igreja é que cantem um canto novo, pela ação do Espírito Santo e não uma música copiada ou recriada. Muitos infelizmente pensam que é preciso resgatar as pessoas pelos ritmos da moda. Vamos cantar música com ritmo de Axé para agradar quem gosta de Axé, Rock para quem gosta de rock, samba, pagode, frevo e assim por diante.

“*...A desobediência ou falta de conhecimento do que a Igreja ensina em relação a música sacra, pode fatalmente macular o rito sagrado, transformando o participante da Santa Missa, por exemplo, num espectador, confundindo-se altar com palco. A música sacra é a música própria da Igreja. A Igreja faz questão em ver observadas suas determinações relativas à música sacra; e grande é a responsabilidade das autoridades eclesiais nesse particular. A música na Igreja não deve visar outra coisa senão a glória de Deus e a edificação dos fiéis. Admitir músicas profanas e indignas no culto divino, é uma profanação ao templo de Deus*”.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA SOBRE A MÚSICA: “*1158...os textos destinados ao canto sacro não de ser conformes à doutrina católica, sendo até tirados de preferência das Sagradas Escrituras e das fontes litúrgicas*”.

ORIENTAÇÕES/DOCUMENTOS DA IGREJA EM RELAÇÃO A MÚSICA SACRA:

01) “Motu Proprio-Tra le sollicitudini”-Do Sumo Pontífice Pio X-Sobre a Música Sagrada-22 de novembro de 1903:

“Entre os cuidados próprios do ofício pastoral, não somente desta Cátedra, que por inescrutável disposição da Providência, ainda que indigno, ocupamos, como também de toda Igreja particular, sem dúvida um dos principais é o de manter e procurar o decoro na casa do Senhor, onde se celebram os augustos mistérios da religião e se junta o povo cristão a receber a graça dos sacramentos, assistir ao santo sacrifício do altar, adorar ao augustíssimo Sacramento do Corpo do Senhor e unir-se à comum oração da Igreja nos públicos e solenes ofícios da liturgia.

Nada, por conseguinte, deve ocorrer no templo que turbe, nem sequer diminua, a piedade e a devoção dos fiéis; nada que dê fundado motivo de desgosto ou escândalo; nada, sobretudo, que diretamente ofenda o decoro e a santidade dos sagrados ritos e, por este motivo, seja indigno da casa de oração e a majestade divina.

Agora não vamos falar um por um dos abusos que podem ocorrer nesta matéria; nossa atenção se fixa hoje somente em um dos mais gerais, dos mais difíceis de erradicar, em um que talvez deva deplorar-se ainda ali de todas as demais coisas são dignas de maior louvor pela beleza e suntuosidade do templo, pela assistência de grande número de eclesiásticos, pela piedade e gravidade dos ministros celebrantes: tão grande é o abuso em todo o concernente ao canto e à música sagrada.

E em verdade, seja pela natureza desta arte, fluante e variável, ou pela sucessiva alteração do gosto e dos costumes no transcurso do tempo, ou pela influência que exerce a arte profana e teatral no sagrado, ou pelo prazer que diretamente produz a música e que nem sempre pode-se conter facilmente dentro dos justos limites, ou, em última análise, pelos muitos prejuízos que nesta matéria insensivelmente penetram e logo tenazmente se arraigam até no ânimo de pessoas autorizadas e piedosas. O feito é que se observa uma tendência pertinaz a apartá-la da reta norma, assinalado pelo fim com que a arte foi admitida ao serviço do culto e expressada com bastante clareza nos cânones eclesiásticos, nos decretos dos concílios gerais e providenciais e as repetidas resoluções das Sagradas Congregações romanas e dos Sumos Pontífices, nossos predecessores. Deve ser santa e, para tanto excluir todo o profano, e não só em si mesma, senão da maneira com que a interpretem os mesmos cantores.

Porém, como a música moderna é principalmente profana, deverá cuidar-se com maior esmero que as composições musicais de estilo moderno que se admitam nas igrejas não contenham nenhuma coisa profana nem ofereçam reminiscências de motivos teatrais, e não estejam compostas tampouco em sua forma externa imitando a feitura das composições profanas”.

02) Carta Encíclica Do Papa Pio XII - “Musicae Sacrae Disciplina” - Sobre A Música Sacra - (25/12/1.955):

“A vigilância da Igreja em relação a música sacra”: O progresso dessa arte musical, ao passo que mostra claramente o quanto a Igreja se tem preocupado com tornar cada vez mais esplêndido e agradável ao povo cristão o culto divino, por outra parte explica como a mesma Igreja tenha tido, as vezes, de impedir que se ultrapassem nesse terreno os justos limites, e que, juntamente com o verdadeiro progresso, se infiltrasse na música sacra, deturpando-a, certo que de profano e de alheio ao culto sagrado.

“Os cânticos populares e seu uso”: “.....A fim de que semelhantes cânticos religiosos proporcionem fruto espiritual e vantagem ao povo cristão, devem ser plenamente conformes ao ensinamento da fé cristã”.

Desse modo pode-se esperar obter mais outra vantagem, que está no desejo de todos, a saber: a de que sejam eliminadas essas canções profanas que, ou pela moleza do ritmo, ou pelas palavras não raro voluptuosas e lascivas que o acompanham, costumam ser perigosas para os cristãos, especialmente para os jovens, e sejam substituídas por essas outras que proporcionam um prazer casto e puro, e que, ao mesmo tempo, alimentam a fé e a piedade; de modo que já aqui na terra o povo cristão comece a cantar aquele cântico de louvor que cantará eternamente no céu: “Aquele que se senta no trono e ao Cordeiro seja bênção, honra, glória e poder pelos séculos dos séculos” (Ap 5,13).

“Santidade da música sacra”: “Deve ser “santa”; não admita ela (a música) em si o que soa de profano, nem permita se insinue nas melodias com que é apresentada”

A finalidade da música sacra: “...A música sacra, procura preparar uma digna sede para os ritos divinos. Por isso, deve a Igreja, com toda diligência; providenciar para remover da música sacra, justamente por ser esta a serva da sagrada liturgia, tudo o que destoa do culto divino ou impede os fiéis de elevarem sua mente a Deus”.

“Nisto consiste a dignidade e a excelsa finalidade da música sacra, a saber, em - por meio das suas belíssimas harmonias e da sua magnificência - trazer decoro e ornamento às vozes quer do sacerdote ofertante, quer do povo cristão que louva o sumo Deus; em elevar os corações dos fiéis a Deus por uma intrínseca virtude sua, em tornar mais vivas e fervorosas as orações litúrgicas da comunidade cristã, para que Deus uno e trino possa ser por todos louvado e invocado com mais intensidade e eficácia”.

Falando dos cânticos “executados com voz límpida e com modulações apropriadas”, assim se exprime Santo Agostinho: “Sinto que as nossas almas se elevam na chama da piedade com um ardor e uma devoção maior por efeito daquelas santas palavras quando elas são acompanhadas pelo canto, e todos os diversos sentimentos do nosso espírito acham no canto uma sua modulação própria, que os desperta por força de não sei que relação oculta e íntima”.

FONTE:

<http://www.paginaoriental.com/catecismo/musica.html>
[http://www.vatican.va/roman_curia/congregations-](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations-Catecismo da Igreja Católica)

Catecismo da Igreja Católica
“Cantar em espírito e verdade” - Orientações para o ministério de música - João Carlos Almeida / Edições Loyola

“Formação de músicos, cantar ao Senhor um cântico novo”- Ed. Santuário- Reinaldo Luiz Fortes do Nascimento – Volume 11–RCC

A SANTIDADE DO MATRIMÔNIO

Como cristãos temos que ver a posição da igreja e viver corretamente as determinações de Deus por seu intermédio.

Fomos chamados por Deus a “crescer e multiplicar” (Gn 1,28).

“O homem deixará sua mãe, seu pai, sua família e se unirá a sua mulher e eles formarão uma só carne”.

É, portanto necessário buscar os conceitos verdadeiros que o Cristianismo nos oferece e colocá-los em prática. Buscar o verdadeiro amor que está fundamentado no amor de Deus. Um amor construtivo segundo os desígnios do Criador. Entendendo que a plena entrega de si consiste em plena doação dos cônjuges fazendo do ato conjugal, se assim o for direito, a transmissão responsável da vida e não somente uma troca de prazeres ou até união mútua para que não saia deste designio divino da multiplicação. No sacramento do matrimônio há a conscientização feita, pelo sacerdote para que estejam dispostos a aceitarem quantos filhos o Senhor quiser enviar. No entanto, o que vemos é um controle da natalidade com decisões próprias de cada casal visando somente seus objetivos. Deixa Deus falando sem liberdade de ação neste contexto. Por outro lado existe a idéia de que a ação de Deus neste contexto significa ter um filho após o outro. Será que não sabemos que a natureza é perfeita e com os meios oferecidos por Deus e permitido pela igreja, a tendência é viver um relacionamento equilibrado proporcionando ao casal muito mais vantagens que desvantagens? Será que iremos passar a vida toda só tendo filhos e criando? Não. Dessa forma desestrutura a humanidade.

O Senhor Deus precisa ser o centro desta união e ter liberdade de ação na decisão da formação de uma família. Assim sendo o casal pela graça divina crescerá em virtudes e dons para viver a castidade conjugal.

As idéias inversas foram se formando no homem onde o modernismo julga tudo de forma errada e decreta suas regras levando o homem a vive-las com suas conseqüências. Mas a realidade da vida não é essa, a menos que queiramos excluir Deus do nosso meio. Vamos ser conscientes antes de arruarmos os problemas querendo a presença divina somente por seus benefícios para concertá-los. Por isso, precisamos viver o verdadeiro Cristianismo buscando nos unir em matrimônio de forma consciente com pessoas



conscientes que professam a mesma fé em nosso Senhor Jesus Cristo com disposições de viver conforme seus desígnios.

Para isto o sentido exato do namoro e do noivado: conhecer e tomar decisões conscientes antes de haver maiores envolvimento entre o casal, pois só dificulta as decisões que deverão ser tomadas no decorrer do namoro. Percebe-se que tudo hoje é feito ao contrário. Há primeiro um envolvimento puramente superficial, chegando a intimidades de um relacionamento promíscuo onde desencadeia uma intimidade com laços sedutores muito fortes, impedindo esse direito de decisão consciente.

Por isso, o fundamento do relacionamento é o amor verdadeiro e não a troca de prazeres. Por mais que a cultura do mundo pregue ao contrário, é a verdade que deve ser nossa opção, para construirmos uma vida sem egoísmo e construtiva. Estamos vendo desestruturação em todo este contexto.

A infelicidade, o desamor, a infidelidade etc. é certamente porque está tudo fora dos planos de Deus. E assim não pode existir nada de sólido quando os fundamentos não trazem nenhuma solidez.

Deixai, portanto ser guiado por Deus onde Este com suas bênçãos realmente se faça presente em sua vida e te conduza a esse crescimento e a essa multiplicação. Você tem oportunidade de optar pela felicidade e pela infelicidade e a felicidade fora dos desígnios divino é uma suposta felicidade que será por você experimentado seu fruto amargo no decorrer de sua escolha. É preciso amar a Deus sobre todas as coisas e assim também estará se amando e amando seu próximo: namorado, noivo ou marido. Buscai portanto esta vivência em Deus. Una-se a Ele no seu dia-a-dia buscando na oração a vivência em sua graça pedindo a sagrada família o dom do Matrimônio Consciente. Amém

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA:

A FECUNDIDADE DO MATRIMÔNIO:

Os filhos são o dom mais excelente do Matrimônio e constituem um benefício máximo para os próprios pais. Deus mesmo que disse: “*Crescei e multiplicai-vos*” (Gn 1,28). Onde se segue que o cultivo do verdadeiro amor conjugal e toda a estrutura da vida familiar que daí promana, sem desprezar os outros fins do Matrimônio, tendem a dispor os cônjuges a cooperar corajosamente com o amor do Criador e do Salvador que, por intermédio dos esposos, aumenta e enriquece sua família. Neste sentido, a tarefa fundamental do Matrimônio e da família é estar a serviço da vida.

A fecundidade é um dom, enfim do Matrimônio, porque o amor conjugal tende naturalmente a ser fecundo. O filho não vem de fora acrescentar-se ao amor mútuo dos esposos; surge no próprio âmago dessa doação mútua, da qual é fruto e realização. A Igreja, que “*está do lado da vida*”, ensina que “*qualquer ato matrimonial deve permanecer aberto à transmissão da vida*”.

Esta doutrina, muitas vezes exposta pelo Magistério, está fundada na conexão inseparável, que Deus quis e que o homem

não pode alterar por sua iniciativa, entre os dois significados do ato conjugal: o significado unitivo e o significado procriador, ou seja, fidelidade e fecundidade.

Chamados a dar vida, os esposos participam do poder criador e da paternidade de Deus. “*Os cônjuges sabem que, no ofício de transmitir a vida e de serem educadores o qual deve ser considerado como missão própria deles, são cooperadores do amor de Deus criador e como que seus intérpretes. Por isso desempenharão seu múnus com responsabilidade cristã e humana*”.

A moralidade da maneira de agir, quando se trata de harmonizar o amor conjugal com a transmissão responsável da vida, não depende apenas da intenção sincera e da reta apreciação dos motivos, mas deve ser determinada segundo critérios objetivos tirados da natureza da pessoa e de seus atos, critérios esses que respeitam o sentido integral da doação mútua e da procriação humana no contexto do verdadeiro amor. Tudo isso é impossível se a virtude da castidade conjugal não for cultivada com sinceridade.

A continência periódica, os métodos de regulação da natalidade baseados na auto-observação e no recurso aos períodos infecundos estão de acordo com os critérios objetivos da moralidade. Estes métodos respeitam o corpo dos esposos, animam a ternura entre eles e favorecem a educação de uma liberdade autêntica. Em compensação, é intrinsecamente má “*toda ação que, ou em previsão do ato conjugal, ou durante a sua realização, ou também durante o desenvolvimento de suas conseqüências naturais, se proponha, como fim ou como meio, tornar impossível a procriação*”.

À linguagem nativa que exprime a recíproca doação total dos cônjuges a contracepção impõe uma linguagem objetivamente contraditória, a do não se doar ao outro. Deriva daqui não somente a recusa positiva de abertura à vida, mas também uma falsificação da verdade interior do amor conjugal, chamado a doar-se na totalidade pessoal. Esta diferença antropológica e moral entre a contracepção e o recurso aos ritmos periódicos “*envolve duas concepções da pessoa e da sexualidade humana irreduzíveis entre si*”.

“*Estejam todos certos de que a vida dos homens e a missão de transmiti-la não se confinam ao tempo presente nem se podem medir ou entender por esse tempo apenas, mas estão sempre relacionadas com a destinação eterna dos homens*”.

A CONTRACEPÇÃO: (métodos para se evitar filhos) e a esterilização direta, derivam não somente a recusa positiva de abertura à vida, mas também uma falsificação da verdade interior do amor conjugal, chamado a doar-se na totalidade pessoal. Estes métodos são moralmente inadmissíveis.

AS PESQUISAS que visam diminuir a esterilidade humana devem ser estimuladas, sob a condição de serem postas “*a serviço da pessoa humana, de seus direitos inalienáveis, de seu bem verdadeiro e integral de acordo com o projeto e a vontade de Deus*”.

AS TÉCNICAS que provocam uma

dissociação do parentesco, pela intervenção de uma pessoa estranha ao casal (*doação de esperma ou de óvulo, empréstimo de útero*), são gravemente desonestas. Estas técnicas (*inseminação e fecundação artificiais*) lesam o direito da criança de nascer de um pai e uma mãe conhecidos dela e ligados entre si pelo casamento. Dissociam o ato sexual do ato procriador. O ato fundante da existência dos filhos já não é um ato pelo qual duas pessoas se doam uma à outra, mas um ato que “*remete a vida e a identidade do embrião para o poder dos médicos e biólogos, e instaura um domínio da técnica sobre a origem e a destinação da pessoa humana*”.

O ABORTO: A vida humana deve ser respeitada e protegida de maneira absoluta a partir do momento da concepção. Desde o primeiro momento de sua existência, o ser humano deve ver reconhecidos os seus direitos da pessoa, entre os quais o direito inviolável de todo ser inocente à vida. “*Antes mesmo de te formares no ventre materno, eu te conheci; antes que saísses do seio, eu te consagrei*”. (Jr 1,5)

Desde o século I, a Igreja afirmou a maldade moral de todo aborto provocado. Este ensinamento não mudou. Continua invariável. Não matarás o embrião por aborto e não farás perecer o recém-nascido. Deus, senhor da vida, confiou aos homens o nobre encargo de preservar a vida para ser exercido de maneira condigna ao homem. Por isso a vida deve ser protegida com o máximo cuidado desde a concepção. A cooperação formal para um aborto constitui uma falta grave. A Igreja sanciona com uma pena canônica de excomunhão este delito contra a vida humana. Manifesta, sim, a gravidade do crime cometido, o prejuízo irreparável causado ao inocente morto.

Visto que deve ser tratado como uma pessoa desde a concepção, o embrião deverá ser defendido em sua integridade, cuidado e curado, na medida do possível, como qualquer outro ser humano.

O direito inalienável de todo indivíduo humano inocente à vida constitui um elemento constitutivo da sociedade civil e de sua legislação.

Como conseqüência do respeito e da proteção que devem ser garantidos à criança desde o momento de sua concepção, a lei deverá prever sanções penais apropriadas para toda violação deliberada dos direitos dela.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

COMPÊNDIO:

Quais são os pecados gravemente contrários ao sacramento do Matrimônio?

São: o adultério; a poligamia; **a rejeição da fecundidade, que priva a vida conjugal do dom dos filhos....**

Fonte:

ACI Digital – “Controle Natal-Regulação Natural”-

<http://www.acidigital.com/>

Catecismo da Igreja Católica - <http://catecismo-az.tripod.com/>

[A Santa Sé](http://www.vatican.va/phome_po.htm) - http://www.vatican.va/phome_po.htm

A CÁTEDRA DO BISPO DE ROMA



O que significa Cátedra?

É o Símbolo do poder e da responsabilidade do Bispo. É aonde tudo começa e esta caracterizado com relação a verdade e a expressão da verdadeira fé.

O poder é recebido do próprio Cristo quando chamou Pedro dando a ele o poder de ligar e desligar a sua Igreja. Jesus exprime sua autoridade passada para Pedro mas não deixa de lembrá-lo frisando muito bem: *"tu é pedra porque foste talhado da rocha que sou Eu, o Cristo e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja"*. Quando diz *"minha"*, mostra que tudo vem Dele, todas as decisões devem, partir deste princípio que deveria fundamentar nele o próprio Cristo. Daí podemos ver que esta Igreja sendo de Jesus Cristo, as decisões não são humanas e nem fundamentadas no homem, mas em Deus.

Foi Pedro que professou primeiro em nome dos apóstolos a profissão de fé em Cristo, o Filho do Deus vivo (Mt 16, 16). Pedro estava guiado por Deus para conhecer essa verdade. E esta é a Igreja de todos os sucessores de Pedro: ser a guia na profissão de fé em Cristo, o Filho do Deus vivo.

Trecho da Homilia de Sua Santidade o Papa Bento XVI feito durante a concelebração eucarística como Bispo de Roma na Basílica de São João de Latrão (07.05.2005)

A Cátedra de Roma é, em primeiro lugar, a Cátedra deste credo. Do alto desta Cátedra o Bispo de Roma deve repetir constantemente: *Dominus Jesus - "Jesus é o Senhor"*, como escreveu Paulo nas suas cartas aos Romanos (10, 9) e aos Coríntios (1 Cor 12, 3).

Aos Coríntios, com particular ênfase, disse: *"Embora haja pretensos deuses, quer no céu quer na terra... para nós, contudo, um só é Deus, o Pai...; e um só é o Senhor Jesus Cristo, por meio do qual tudo existe e mediante o qual nós existimos"* (1 Cor 8, 5-6).

A Cátedra de Pedro obriga todos os que dela são titulares a dizer como já fez Pedro num momento de crise dos discípulos quando muitos queriam afastar-se: *"A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna. Por isso nós cremos e sabemos que Tu és que és o Santo de Deus"*. (Jo 6, 68-69)

Aquele que se senta na Cátedra de Pedro deve recordar as palavras que o Senhor disse a Simão Pedro durante a Última Ceia: *"...e tu, uma vez convertido, fortalece os teus irmãos..."* (Lc 22, 32)

Aquele que é titular do ministério Petriño deve ter a consciência de que é um homem frágil e débil como são frágeis e débeis as suas próprias forças constantemente necessitado de purificação e de conversão. Mas ele também pode ter a consciência de que do Senhor lhe vem a força para confirmar os seus irmãos na fé e mantê-los unidos na confissão de Cristo crucificado e ressuscitado.

Na primeira carta de São Paulo aos Coríntios, encontramos a narração mais antiga que possuímos da ressurreição. Paulo recolheu-a fielmente das testemunhas. Esta narração fala primeiro da morte do Senhor pelos nossos pecados, da sua sepultura, da sua ressurreição, ao terceiro dia, e depois diz: *"apareceu a Céfas e depois aos Doze"* (1 Cor 15, 5)

Assim, mais uma vez, é resumido o significado do mandato conferido a Pedro até ao fim dos tempos: ser testemunha de Cristo ressuscitado.

O Bispo de Roma senta-se na Cátedra para dar testemunho de Cristo. É o símbolo da *potestas docendi*, aquele poder de ensinar que faz parte essencial do mandato de ligar e desligar conferido pelo Senhor a Pedro e, depois dele, aos Doze.

Na Igreja, a Sagrada Escritura, cuja compreensão aumenta sob a inspiração do Espírito Santo, e o ministério da interpretação autêntica, conferido aos apóstolos, pertencem um ao outro de modo indissolúvel. Onde a Sagrada Escritura é separada da voz viva da Igreja, torna-se vítima das controvérsias dos peritos. Sem dúvida, tudo o que eles têm para nos dizer é importante e precioso; o trabalho dos sábios é para nós um grande contributo para poder compreender aquele processo vivo com o qual a Escritura cresceu e para compreender a sua riqueza histórica. Mas a ciência sozinha não nos pode fornecer uma interpretação definitiva e vinculante; não é capaz de nos fornecer, na interpretação, aquela certeza com a qual podemos viver e pela qual podemos até morrer. Por isso é necessário um mandato maior, que não pode surgir unicamente das capacidades humanas. Por isso é necessária a voz da Igreja viva, daquela Igreja confiada a Pedro e ao colégio dos apóstolos até ao fim dos tempos.

Este poder de ensinamento assusta muitos homens dentro e fora da Igreja. Perguntam-se se ela não ameaça a liberdade de consciência, se não é uma soberba em oposição à liberdade de pensamento. Não é assim. O poder conferido por Cristo a Pedro e aos seus sucessores é, em sentido absoluto, um mandato para servir. O poder de ensinar, na Igreja, obriga a um compromisso ao serviço da obediência à fé.

O Papa não é um soberano absoluto, cujo pensar e querer são leis. Ao contrário: o ministério do Papa é garantia da obediência a Cristo e à Sua Palavra. Ele não deve proclamar as próprias idéias, mas vincular-se constantemente a si e à Igreja à obediência à Palavra de Deus, tanto perante todas as tentativas de adaptação e de adulteração, como diante de qualquer oportunismo. O Papa João Paulo II fez isto quando, perante todas as tentativas, aparentemente benévolas

para com o homem, perante as erradas interpretações da liberdade, realçou de maneira inequívoca a inviolabilidade do ser humano, a inviolabilidade da vida humana desde a concepção até à morte natural. A liberdade de matar não é uma liberdade, mas é uma tirania que reduz o ser humano à escravidão.

O Papa tem a consciência de que está, nas suas grandes decisões, ligado à grande comunidade da fé de todos os tempos, às interpretações vinculantes que cresceram ao longo do caminho peregrinante da Igreja. Assim, o seu poder não é superior, mas está ao serviço da Palavra de Deus, e sobre ele

recai a responsabilidade de fazer com que esta Palavra continue a estar presente na sua grandeza e a ressoar na sua pureza, de modo que não seja fragmentada pelas contínuas mudanças das modas.

A Cátedra é repetidos mais uma vez símbolo do poder de ensinamento, que é um poder de obediência e de serviço, para que a Palavra de Deus a verdade! possa resplandecer entre nós, indicando-nos o caminho da vida.

A Igreja nada mais é do que aquela rede que une a comunidade eucarística, na qual todos, recebendo o mesmo Senhor, nos tornamos um só corpo e abraçamos o mundo inteiro. Presidir na doutrina e presidir no amor, no final, devem ser uma só coisa: toda a doutrina da Igreja, no final, conduz ao amor. E a Eucaristia, enquanto amor presente de Jesus Cristo, é o critério de qualquer doutrina. Do amor dependem a Lei e os Profetas (Mt 22, 40). O amor é o cumprimento da lei, escrevia São Paulo aos Romanos (13, 10).



Associação Filhos de Jesus e Maria



Informativo:

Instituto de Musica Santa Cecília

Cursos de:

Teclado - Contra-Baixo - Violão - Guitarra

Bateria - Canto - Musicalização Infantil

Fones: (19) 3209-0744
(19) 3213-0373 / 8112-3429
Contato: Priscila ou Rosana



Publicação e Edição:



Associação Filhos de Jesus e Maria
www.afjm.org.br

Tiragem: 150 exemplares